

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO CENÁRIO DE MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: um ensaio à luz do modo de produção capitalista.

Fernanda Borges do Nascimento¹

RESUMO

Este trabalho pretende realizar um ensaio sobre a problemática da mercantilização na educação superior brasileira, trazendo pontos de reflexão a partir das contribuições marxistas e marxianas sobre o modo de produção capitalista. Este trabalho é fruto do aprofundamento teórico para a construção da dissertação de mestrado. Neste sentido, foi produzido a partir do interesse voltado à temática da educação superior privada e os rebatimentos para o tripé universitário ensino, pesquisa e extensão. Procuramos trazer para a linha de argumentação o conhecimento teórico acumulado através do programa de pós-graduação no qual estamos inseridos bem como aos estudos realizados concomitantemente. Sinalizamos a forte tendência mercantilizada que a educação superior assume no contexto de aprofundamento e avanço da agenda neoliberal do Estado no cenário de capitalismo dependente a que estamos submetidos.

Palavras-chave: Ensino Superior; Formação profissional; Mercantilização da educação.

ABSTRACT

.This work aims to conduct an essay on the issue of commodification in Brazilian higher education, bringing points of reflection based on Marxist and Marxian contributions to the capitalist mode of production. This work is the result of theoretical deepening for the construction of a master's dissertation. In this sense, it was produced based on an interest focused on the theme of private higher education and its repercussions on the university tripod of teaching, research, and extension. We seek to incorporate into the argumentative line the theoretical knowledge accumulated through the postgraduate program in which we are enrolled, as well as the studies conducted concurrently. We highlight the strong commodified tendency that higher education assumes in the context of the deepening and advancement of the neoliberal agenda of the State in the scenario of dependent capitalism to which we are subjected.

Keywords: Higher education; Professional training;; Commodification of education.

¹ Universidade Federal Fluminense; Mestranda em Serviço Social e Desenvolvimento Regional;
fernandabn@id.uff.br

PROMOÇÃO



APOIO

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a mercantilização da educação superior brasileira a partir da concepção sobre o modo de produção capitalista. Isto posto, ressaltamos que o cenário de aprofundamento do capitalismo aliado ao Estado neoliberal alcança os mais diversos assuntos presentes no cotidiano, sobretudo quando tratamos esta temática à luz dos escritos marxianos e marxistas. O texto ora apresentado é um esforço para apresentar a construção inicial do arcabouço teórico que estamos articulando para a construção da dissertação de mestrado que apresenta a temática da educação superior financeirizada com os rebatimentos que isto apresenta para a vida da classe trabalhadora além de sobrepor um panorama sobre a extensão universitária e sua invisibilização a partir deste avanço do ensino tecnicista e que visa a geração de lucro para as grandes empresas que dominam as universidades privadas.

Em um primeiro momento trataremos sobre o processo de acumulação que se expressa no modo de produção capitalista e que evolui mundialmente, parte em países desenvolvidos, parte em países periféricos onde se instaura de forma dependente. Neste sentido, este artigo pretende prosseguir com a problematização da educação superior como parte lucrativa das instituições de ensino e a extensão universitária nestes espaços que também se transforma em mercadoria ou moeda de troca para diversas possibilidades. Trata-se de uma argumentação que será maturada ao passo que os estudos para obtenção do grau de mestre forem avançando.

2 O PROCESSO DE ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

O nosso ponto de partida para entender o processo de acumulação capitalista em Marx, apoia-se na forma como acentuam-se as mudanças sociais e ocorrem alterações na produção e reprodução da vida material que impacta diretamente no cotidiano da classe trabalhadora. O Modo de Produção Capitalista tem sua particularidade histórica porque se reproduz de forma peculiar e que vamos compreender quando levamos em

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



conta que acumular capital significa valorizar o próprio capital e ainda reproduzi-lo às custas da produção de mais-valia.

Neste sentido, “Todo capital individual é uma concentração maior ou menor de meios de produção com comando correspondente sobre um exército maior ou menor de trabalhadores. Toda acumulação torna-se meio de nova acumulação.” (MARX, 1996, p. 256) Diante desta afirmação, vamos compreender que o Capital age sobre ambos os lados ao mesmo tempo: multiplica a demanda de trabalho ao passo que multiplica a oferta de trabalhadores tensionando a realidade e como se reproduz. Assim,

[...] se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independente dos limites do verdadeiro acréscimo populacional. [...] (MARX, 1996, p. 262- 263)

A disparidade que existe entre o desenvolvimento social e o desenvolvimento econômico se potencializa no capitalismo no sentido de que a produção e reprodução capitalista cria e recria o operário e a classe operária. Assim, esta reprodução ampliada do modo de produção capitalista tem suas bases no trabalho assalariado aliado à exploração. É desta forma que o capital consegue sua expansão e ao longo dos anos ganha força e diferentes formas de se constituir na sociedade desenvolvendo-se de forma desigual e promovendo mudanças sociais e alterações na vida material. Desta maneira, tudo se transforma em mercadoria que por mais diferentes que sejam têm em comum o valor que se traduz no emprego da força de trabalho humana. A necessidade da acumulação vai determinar a quantidade de força de trabalho necessária à produção. Portanto,

[...] Com a acumulação e o desenvolvimento da força produtiva do trabalho que a acompanha, cresce a súbita força de expansão do capital, não só porque cresce a elasticidade do capital em funcionamento e a riqueza absoluta, da qual o capital só constitui uma parte elástica, mas também porque o crédito, sob qualquer estímulo particular, põe, num instante, à disposição da produção como capital adicional, parte incomum dessa riqueza.” (MARX, 1996, p. 263)

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Neste movimento em que o capital se expande e toma proporções maiores, alcançando novas formas de se reproduzir, Lenin (1984) traz o conceito de que a aceleração da concentração e centralização do capital que Marx cita já fica muito mais explícito no Imperialismo que ele considera “a fase superior ao capitalismo” identificando a intensificação do acirramento entre capital e trabalho onde fica perceptível a conquista de novos mercados atrelada à exportação do capital dos países desenvolvidos para as colônias e semi colônias, desmascarando a lógica da política colonial que Marx já apontava anteriormente.

O enorme desenvolvimento da indústria e o processo notavelmente rápido de concentração da produção, em empresas cada vez maiores, constituem uma das características mais marcantes do capitalismo. As estatísticas industriais modernas fornecem os dados mais completos e precisos sobre esse processo. (LENIN, 1984. p. 118)

Segundo Fontes (2010),

Marx não formulou diretamente o conceito de imperialismo, embora tenha apontado, com nitidez, ao menos desde 1948, que ‘a necessidade de mercados sempre crescentes para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se e criar vínculos em todos os lugares’ (MARX, 1998, p. 11 apud FONTES, 2010, p. 22)

Desse modo a aceleração e centralização do capital que Marx apontava fica muito mais explícita nesta fase de expansão em que surge o monopólio, à livre concorrência a ampliação do processo produtivo a partir da implementação de novas tecnologias inclusive com o aumento da capacidade de desenvolvimento tecnocientífico. A crise econômica acaba favorecendo grandes empresas que absorvem outras de menor porte e geram também os conglomerados empresariais e econômicos que potencializam o processo de expansão do capital.

Daqui se infere claramente que, ao chegar a um determinado grau do seu desenvolvimento, a concentração por si mesma, por assim dizer, conduz diretamente ao monopólio, visto que, para umas quantas dezenas de empresas gigantescas, é muito fácil chegarem a acordo entre si e, por outro lado, as dificuldades da concorrência e a tendência para o monopólio nascem precisamente das grandes proporções das empresas. Esta transformação da concorrência em monopólio constitui um dos fenômenos mais importantes - para não dizer o mais importante - da economia do capitalismo dos últimos tempos. (LENIN, p. 120. 1984)

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Para Iamamoto (2008),

A tese de Lenin é a de que o imperialismo é uma fase peculiar e superior ao capitalismo. Ela surge em continuidade e em decorrência do desenvolvimento, em mais alto grau, das propriedades fundamentais do capitalismo. Algumas de suas características essenciais se transformam na antítese, materializando-se em traços de transição para uma estrutura econômica e social mais elevada. Verifica-se a substituição da livre competição - característica da produção de mercadorias em geral - pelo monopólio: o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. (IAMAMOTO, 2008, p. 102)

Ao fazermos este caminho que Marx já pontuava, quando utilizou à sua época a Inglaterra como pano de fundo para sua pesquisa, até o acirramento do capital que assume sua fase mais predatória, entendemos que as consequências são sempre para o mundo do trabalho e para a vida da classe trabalhadora. Isto porque a quantidade de trabalho que aumenta fica sob poder do próprio capitalista que assume totalmente o processo de trabalho e cria a capacidade de submeter a força de trabalho às suas próprias necessidades de acumulação. Este processo contínuo da reprodução do capital é que produz e reproduz capitalistas mais fortes. Com esta mesma força com que se expandem, acentuam a miséria e o empobrecimento da classe trabalhadora. Notadamente, há um descompasso entre desenvolvimento econômico e social. Em suma,

Nos dois primeiros livros de O Capital são exaustivamente trabalhadas, e de maneira simultânea, a dimensão histórica e a dimensão lógica da expansão do capitalismo. O livro I enfatiza o processo de produção do capital. Nele, Marx reitera inúmeras vezes o eixo de sua análise: compreender histórica e logicamente o capitalismo exige não perder jamais de vista a base da vida real o conjunto das atividades que asseguram a reprodução da existência, objetiva e subjetivamente. A produção material da vida social - o solo concreto no qual se enraíza as mais diversificadas práticas - remete, nos termos de Marx a um conjunto de relações sociais dominantes nas quais se embebem todas as cores e que marcam, objetiva e subjetivamente, o conjunto dos seres sociais para os quais tais práticas, muitas vezes, aparecem como se fossem naturais ou como se derivassem das coisas. (FONTES, p. 40, 2010)

Ao pensarmos a educação superior a partir do cenário brasileiro, não podemos deixar de citar que a construção do Estado neoliberal (FÁVERO; BECHI, 2017) tem relação com grande parte da problemática que envolve a educação superior privada que transforma alunos em clientes e oferece acesso à uma educação que em geral “se torna

PROMOÇÃO



APOIO

subserviente ao modelo econômico que impõe sua lógica de funcionamento” (FÁVERO; BECHI, 2017, p. 91).

Assim, o continente latino-americano passou por transformações em seu modo de produção e o Brasil se insere neste contexto de superexploração e aumento das condições precarizadas da classe trabalhadora. Para Fontes,

A violência primordial do capital é permanente e constitutiva: a produção em massa da expropriação, sob formas variadas, em função da escala da concentração de capitais, se reduziu ou ‘normalizou’ em escala mundial. Mais ainda: esse fenômeno não resulta necessariamente de uma coexistência entre países capitalistas (‘normalizados’) e não capitalistas (primitivos), mas, ao contrário, das formas históricas da expansão desigual do capitalismo, tanto no interior de cada país quanto entre os países. Todos, porém, respondem crescentemente a uma mesma dinâmica social. Em outros termos, a normalização das relações capitalistas corresponde à expansão sempre mais truculenta de expropriações, tornando normalizada a existência de massas crescentes da população do planeta necessitadas da venda de sua capacidade de trabalho e deste ponto de vista, disponíveis sem a utilização da coerção direta pelo capital que as explore. (FONTES, 2010, p. 64-65)

Quando ousamos pensar nesta realidade se tratando do cenário brasileiro, vamos compreender esta forma assumida pelo capitalismo no país que estamos diante da acentuação da desigualdade em detrimento da acumulação capitalista. Assim, pensar o capital diante de uma realidade periférica e pautada na exploração vamos nos deparar com as mais diversas expressões da questão social e no aumento dos problemas que já existem em outros países mas aqui se apresentam em sua faceta mais agudizada. Considerando que,

O continente latino-americano nasceu sob a égide do trabalho. Antes mesmo do início da colonização europeia, especialmente espanhola e portuguesa, a América latina era habitada por indígenas nativos que trabalhavam em uma economia baseada na subsistência, produzindo alimentos agrícolas e utilizando a caça, a pesca, o extrativismo agrícola e a mineração de ouro e prata, entre outras atividades, para garantir sua sobrevivência. (ANTUNES, 2011, p. 17)

3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE À FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Ao longo dos anos a educação também foi cerceada pelo modo de produção capitalista e em muitos pontos tornou-se uma mercadoria geradora de lucro e que além

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de formar grupos e conglomerados educacionais que regem universidades e centros universitários privados/mercantilizados passou também a ser financiada pelo Estado através de parcerias público privadas que geram lucro aos empresários e juros aos estudantes.

A face econômica, em vez de fortalecer o histórico papel da universidade europeia na produção autônoma do conhecimento, se dobra às recomendações do FMI, BM, OMC, e sob um discurso de modernização, desburocratização e superação de uma “universidade arcaica”, vem sustentando a mercantilização, o economicismo, a “empresarialização”, o gerencialismo e a subordinação ao mercado e ao sistema produtivo. E a face política-cultural cria e consolida a cultura de uma nova concepção de universidade, de um novo “modelo” de organização, de estrutura, de planos de ensino, pesquisa e avaliação: essa cultura sustenta que uma boa universidade deve ser barata (menos anos, menos custos), rápida (cria uma espécie de fast universidade, e defende que se faz o mesmo em menos anos), padronizada (mesmo formato em diferentes realidades), deve ter financiamento autossustentável (graduação barata, curta e rápida, mestrados curtos e pagos para uma elite, doutorados curtos para docência e/ou pesquisa acadêmica e para demandas do mercado); mercantilmente adaptada às exigências de expansão e acumulação do capital, sobretudo em contexto de crise do capital.” (BOSCHETTI, 2015, p. 644-645)

Neste sentido, quando nos deparamos com o aligeiramento da formação profissional e com os diversos fatores que levam às universidades privadas a manterem sua lógica mercadológica transformando a formação profissional em uma condição tecnicista focada muito mais em produzir mão de obra do que propriamente produzir conhecimento através da pesquisa e da extensão universitária. Conforme Boschetti,

O aligeiramento da formação e da pesquisa é um traço absolutamente contemporâneo. O expansionismo superficial de cursos é extremamente funcional ao conservadorismo, pois conserva e mesmo agudiza a perspectiva de formação funcional ao mercado e subordina os conteúdos profissionais à demanda do mercado, ou seja, do capital. (BOSCHETTI, 2015, p. 646)

Manter a superpopulação produzida pela lógica do modo de produção capitalista acaba sendo o “material” necessário para a reprodução das universidades e centros universitários focados na qualificação de mão de obra para o mercado de trabalho já que utiliza-se a lógica de que quanto mais estudarem nestes espaços, “mais fácil” fica de se inserir no mercado. O que força à classe trabalhadora a investir em mais conhecimento

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



para alcançar melhores cargos e salários fazendo-os chegar nestes espaços de educação superior mercantis e que estão dispostas a aligeirar, desmontar currículos, utilizar os estudos de forma remota, tudo para conseguir receber alunos trabalhadores capazes de arcar com os custos da formação superior sob a lógica da “expansão dos serviços privados, de diversificação e massificação do ensino e de reconfiguração das profissões.” (BOSCHETTI, 2015, p. 645). Trata-se de um projeto de transformação do ensino em uma ferramenta do capital.

A mundialização da economia está ancorada nos grupos industriais transnacionais, resultantes de processos de fusões e aquisições de empresas em um contexto de desregulamentação e liberalização da economia. Esses grupos assumem formas cada vez mais concentradas e centralizadas do capital industrial e se encontram no centro da acumulação. As empresas industriais associam-se às instituições financeiras (bancos, companhias de seguros, fundos de pensão, sociedades financeiras de investimentos coletivos e fundos mútuos), que passam a comandar o conjunto da acumulação, configurando um modo específico de dominação social e política do capitalismo, com o suporte dos Estados Nacionais. (IAMAMOTO, 2008, p. 108)

O movimento de mundialização da economia que resulta nos processos de fusões de empresas, desregulamentação e liberalização (IAMAMOTO, 2008) também ocorre com os grupos universitários. Para Boschetti,

“[...] orientado por uma perspectiva nitidamente liberal, apresenta uma tripla face que, segundo Blanch (2010), em entrevista a Bianchetti (2010), vem provocando uma alteração estrutural do ensino superior no sentido de seu aligeiramento, competitividade e sujeição às demandas do mercado.” (BOSCHETTI, 2015, p. 644)

Assim,

[...] a face acadêmica, mais do que ampliar a socialização do conhecimento, tem provocado a standardização/padronização como elemento para a integração dos jovens no mercado de trabalho, em um contexto de crise, com clara tendência de alinhamento da formação “por baixo”, mais focada na aprendizagem e competências, bem como currículos mais curtos e flexíveis. [...] (BOSCHETTI, 2015, p. 644)

Esta face lucrativa, segue ainda com mais força quando a população trabalhadora enxerga no ensino à distância esta possibilidade de se submeter às exigências do

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

mercado com possibilidade de um horário “flexível” e os cursos com valor menor. Ainda recorrendo a autora, os dados apontam que

A expansão dos cursos e matrículas favorece assustadoramente o ensino privado lucrativo. De acordo com o Censo do Ensino Superior, publicado pelo Ministério da Educação (MEC, 2013), em 2013 o Brasil contava com 7.037.688 alunos matriculados em 31.866 cursos de graduação. Esses cursos se concentravam em 2.416 instituições, sendo a esmagadora maioria privada (2.112 ou 87,41%) e somente 304 (12,59%) públicas. (BOSCHETTI, 2015, p. 644)

Ao pensarmos o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão, nos deparamos com a grande ênfase dada ao ensino limitado à relação aluno-professor, tornando-se pouco reconhecidos os espaços de pesquisa e extensão no interior das instituições de ensino superior privadas. Ao passo que se empenham para produzir conhecimento o fazem com a intenção de garantir mais volume de capital com concentração de investimentos principalmente em grandes áreas que são representadas por indústrias ou grandes empresas com capacidade de financiamento das pesquisas. A extensão universitária, por exemplo, como parte complementar do ensino e da pesquisa, foi posta em uma espaço inferiorizado nestes espaços de ensino. Em alguns casos, quando realizada por algumas instituições é utilizada como geradora de valor com vistas a contribuir com o lucro através da cobrança pelos serviços prestados à comunidade.

2.1 A Extensão Universitária no interior das universidades privadas/mercantilizadas

A extensão universitária brasileira passou por avanços e retrocessos ao longo da história. Isto porque se fizermos um panorama histórico de acordo com Steigleder, Zucchetti, e Martins (2019), vamos observar momentos de particularidades que a pauta desde seu surgimento nas universidades. O ensino superior brasileiro data da primeira metade do século XX período em que a extensão universitária era influenciada por modelos europeu e norte americano e se desarticulava das funções acadêmicas. Por volta dos anos 1930, com a reforma educacional no país, a extensão se organizou em ações com a comunidade na intenção de provocar reflexões sobre os direitos das chamadas “classes populares” (STEIGLEDER; ZUCCHETTI; MARTINS). Durante o

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Regime Militar ocorreu uma expansão do ensino superior, entretanto, os pensamentos crítico, político, democrático eram fortemente reprimidos o que limitava as universidades à qualificação de mão de obra, neste sentido a extensão assume caráter secundário e resumiu-se à disseminação de conhecimentos entre as comunidades locais, quase excluída do ambiente universitário.

A partir destes processos históricos vivenciados pela extensão universitária, vemos que passando por modificações ao longo de sua trajetória e sendo marcada por períodos em que o conservadorismo e a repressão pairavam sobre o cenário brasileiro, atualmente, a extensão ainda está colocada em uma posição inferior em relação ao ensino e a pesquisa, sobretudo nas universidades privadas que limitam a educação apenas ao ensino devido aos custos que novos projetos podem significar. Participar a extensão no ensino e pesquisa, portanto, amplia a visão crítica dos discentes e abre as possibilidades de a população acessar serviços proporcionados pela universidade junto ao corpo técnico, docente e discente. É importante pensar esse espaço como parte de uma via de mão dupla entre universidade e sociedade, partindo do suposto que a extensão não é assistencialista e que pode receber e ofertar conhecimento (GADOTTI, 2017).

Conforme Boschetti (2015),

O pragmatismo alimenta um tipo de formação, mas também de trabalho profissional, baseado na filosofia utilitarista, no imediatismo, no famoso discurso de que “na prática a teoria é outra”. Tal postura leva à negação da teoria, à adesão ao praticismo acrítico, à ação imediatista, desprovida de compromisso político com a transformação estrutural das relações socioeconômicas. É preciso compreender que nenhuma teoria “se aplica” ao e no real. A teoria é o real captado pelo pensamento (o concreto pensado), que busca explicar os fenômenos da realidade em uma perspectiva de totalidade. A teoria pode subsidiar a ação profissional e/ou política na transformação do real, por isso é uma mediação para a ação. Teoria não é e nunca será uma receita de intervenção profissional. (BOSCHETTI, 2015, p. 649)

Pensar a extensão universitária como fator de aproximação entre a universidade e a realidade da comunidade, é pensar justamente a formação que a autora nos apresenta no fragmento. Entendendo que a mediação para a ação também enriquece os currículos e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



precisa ser pensada nas universidades para além do projeto de lucrar acima de qualquer demanda.

3 CONCLUSÃO

A partir dos fatos apresentados, consideramos que ainda não podemos esgotar a temática da educação superior sob o ponto de vista da financeirização e agudização das contradições do capitalismo no cenário atual. Diante do exposto, trouxemos algumas percepções sobre a formação profissional que transformam alunos em clientes e potenciais financiadores dos conglomerados educacionais que se formam para mercadorizar o ensino superior e neste processo acabam tecnicando, barateando e precarizando alguns cursos que se limitam a formar novos profissionais para se inserirem no mercado de trabalho.

Este artigo representa um esforço para pensar a política de educação superior no Brasil e suas contradições ao que tange o ensino público e privado. Ou seja, a lógica mercadológica embora se acentue nas universidades privadas também pode ser observada nas públicas, que em alguns casos aceitam financiamentos de empresas em seus cursos de graduação. Pensar este contexto nos aproxima da argumentação de que a construção do Estado neoliberal aprofunda estes casos em que a educação se transforma em moeda de troca para as mais diversas parcerias desenvolvidas entre a máquina pública e as organizações capitalistas.

Isto posto, nos propusemos a demonstrar o quanto este é um assunto passível de aprofundamento e que nos provoca reflexões considerando que as diversas áreas temáticas são permeadas pelas contradições e dimensões que o sistema capitalista imbrica na sociedade.

PROMOÇÃO



APOIO



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O continente do Labor**. São Paulo: Boitempo, 2011. Disponível em: <http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/07/Ricardo-Antunes-O-Continente-do-Labor.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BOSCHETTI, Ivanete. **Expressões do conservadorismo na formação profissional** in: Revista Serviço Social e Sociedade, n. 124, out./dez, p. 637-651. São Paulo, 2015 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/xv3Lm3vQmxLmWNTmbpmBzNt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2023.

FÁVERO, Altair Alberto; BECHI, Diego. **O Financiamento Da Educação Superior No Limiar Do Século XXI: O Caminho Da Mercantilização Da Educação**. Revista Int. Educ. Superior: São Paulo, p. 90-113. 2017.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Teoria e história, Brasil, EPSJV/Fiocruz e Editora UFRJ. 2010. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/brasil_capital_imperialismo.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf> Acesso em: 25 mar 2023.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche**. São Paulo: Cortez, 2008.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo, etapa superior do capitalismo**. Lisboa, 1984.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, Tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 2v. de 5v. (Os Economistas). Disponível em: <http://www.laurocampos.org.br/wp-content/uploads/2021/01/O-Capital-Livro-1-Tomo-2.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SEKI, Allan Kenji. **Financeirização do capital na educação superior: articulações entre a apropriação de parcelas do fundo público e a desregulamentação da**

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



educação nacional. Niterói. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo, 2017. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MM/MM2017/AnaisMM2017/MC48/mc481.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2023.

STEIGLEDER, Luciane Iwanczuk; ZUCCHETTI, Dinora Tereza; MARTINS, Rosemari Lorenz. **Trajetória para a curricularização da extensão universitária: atuação do FOREXT e diretrizes nacionais.** Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 10, n. 3, p. 167-174, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/10916/pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PROMOÇÃO



APOIO

